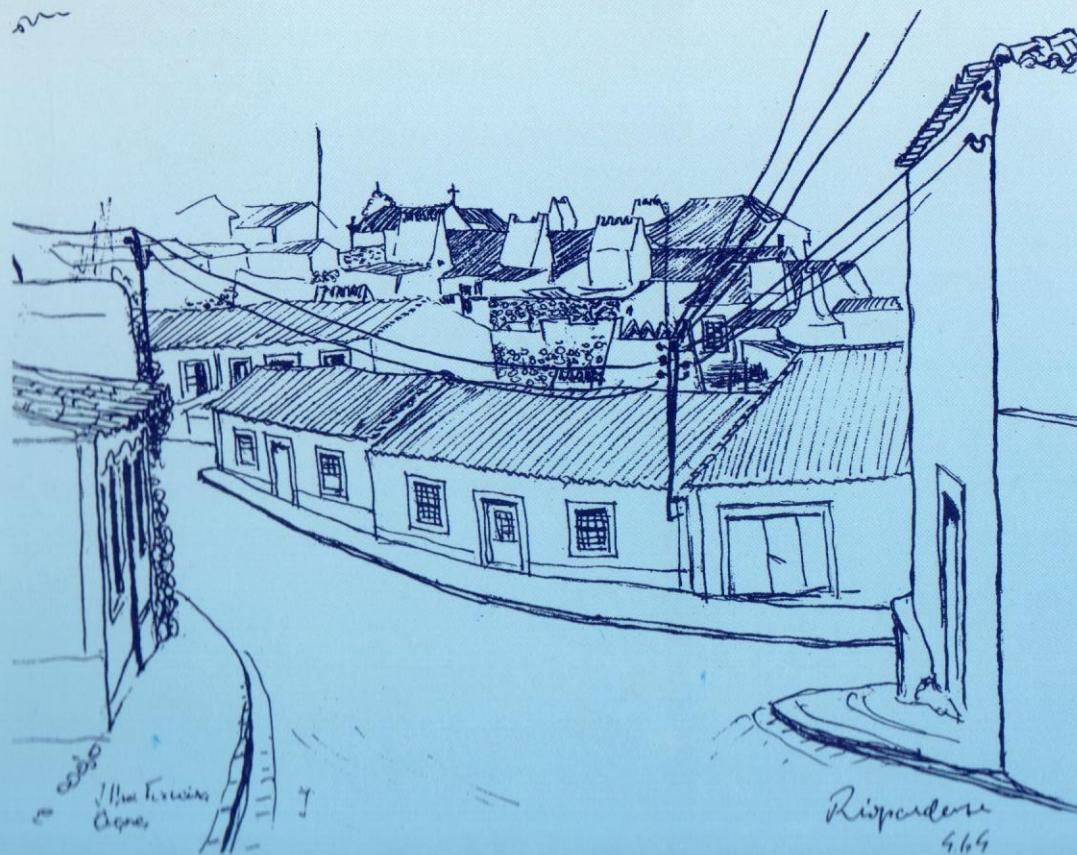


AÇORIANOS NO BRASIL

VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO
organizadora



Em seus primeiros infícios, concentrou-se a imigração açoriana, para o que é hoje Brasil, em dois extremos quase opostos de seu território: iniciada com os trezentos casais que em 1619 chegaram ao Maranhão, e logo continuada com o povoamento de Santa Catarina (1748-56), e do litoral e lagoas do Rio Grande do Sul (1751-59). Manifestou-se ela, nesses primórdios, como empreendimento de caráter coletivo e organização sistemática, cuja iniciativa partia da metrópole. Nos 383 anos que de então para cá se passaram, não foi esse no entanto o padrão unicamente seguido. A migração, por iniciativa individual ou familiar, se fez igualmente presente, como bem o atestam os inúmeros núcleos açorianos que se encontram ao longo da orla marítima do país, e as influências diretas, por povoamento e presença sociocultural ativa, ou indiretas, por difusão de elementos essenciais da cultura dos Açores, que penetraram profundamente em muitos núcleos urbanos do país, e ainda em suas áreas rurais.

Desses aspectos culturais açorianos no Brasil, tomaria dois como seus mais importantes traços distintivos, ou sinais diacríticos, de uma identidade étnica que através deles se afirma e mantém, reconstruindo e transformando, a cada instante histórico, sua cambiante tradição; e isto tanto no plano do simbólico, mitológico e ritual, quanto no da tecnologia, ou das ocupações profissionais.

No primeiro desses planos, poria os rituais e os grupos sociais, etnicamente definidos, que se congregam em torno das *Sociedades Particulares do Divino Espírito Santo*, como as que, até pelo menos 1979, existiam em Niterói e provavelmente continuam a existir, e também em Vila Isabel, em pleno Rio de Janeiro – onde vi a simbólica bezerro, que iriam leiloar para o Bodo do Divino, ser levada a ajoelhar na capela perante as três coroas do culto do Espírito Santo, antes de ser entregue para o sacrifício e a partilha (comungante ?), no Bodo que se dá aos pobres. Sem que se possa esquecer, nisso, que os que se organizam na e para a festa em que há o Bodo são comerciantes de carne, ou de gado vacum, além de açorianos, ocupados numa atividade tipicamente própria das Ilhas; ou deixar de lembrar a Farra do Boi, hoje perseguida em Santa Catarina. E ainda sem esquecer, também, tudo o que disseram Jayme Cortesão e Agostinho da Silva quanto ao simbolismo e à importância cultural da Festa do Divino, na Idade Média, no

FREI ROVÍLIO

Os autores são gratos ao *amigo Rovílio*
– mais que um editor, um *coração de gigante* –
que patrocinou integralmente esta obra.

Ainda que muitas palavras sejam ditas,
elas não expressarão, de fato,
o reconhecimento que a comunidade luso-açoriana
lhe consagra.

Ao partilhar sua italianidade com os descendentes dos ilhéus,
que há 250 anos chegaram
nas terras em que os seus, um século depois,
também deitaram raízes,
a nossa alegria exultante por tê-lo também nosso.

Nós, os gaúchos *italo-açorianos*
e de outras tantas matizes étnicas,
nos orgulhamos de você!

Deo gratias.

Esta obra integra o projeto
ACERVO DAS ETNIAS FREI ROVÍLIO COSTA
do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.
Fone: (51) 3227.0883
E-mail: ahra@pro.via-rs.com.br

Açorianos no Brasil

História, Memória, Genealogia e Historiografia

Organizadora
Véra Lucia Maciel Barroso

Nota Introdutória
ALZIRA SILVA

Mensagem do Editor
ROVÍLIO COSTA

Edição Comemorativa
250 anos do Povoamento Açoriano do Rio Grande do Sul



Porto Alegre, 2002

© dos autores
1ª edição: 2002

Esta edição é propriedade dos autores

Capa: Ilustração de F. Riopardense de Macedo

Revisão: Véra Lucia Maciel Barroso

Iconografia: dos autores

Editoração e composição:
Suliani Editografia Ltda.
Rua Veríssimo Rosa, 311
90610-280 – Porto Alegre, RS
E-mail: suliani@via-rs.net
Fone/fax: (51) 3336-1166

B277 Açorianos no Brasil : história, memória, genealogia e historio-
grafia / org. Véra Lucia Maciel Barroso. -- Porto Alegre:
EST, 2002.
1.152 p.

1. Brasil – História – Açorianos 2. Rio Grande do Sul – His-
tória – Açorianos 3. Brasil – História – Imigrantes 4. Rio
Grande do Sul – História – Imigrantes I. Barroso, Véra Lucia
Maciel

CDU – 981
981.65

Bibliotecária: Sandra Gueths Feldmann CRB 10/789

EDIÇÕES EST

R. Veríssimo Rosa, 311
90610-280 – Porto Alegre, RS
Fone/fax: (51) 3336-1166
E-mail: rovest@via-rs.net
www.via-rs.com.br/esteditora

SUMÁRIO

Nota Introdutória.....	7
Alzira Silva	
Mensagem do Editor	9
Rovílio Costa	
Apresentação	11
Véra Lucia Maciel Barroso	
Registro de um Açor.....	14
I PARTE	
O BRASIL ACOLHE OS AÇORIANOS	15
Imigrantes esquecidos na Fronteira Norte – açorianos na colonização e na cultura – Maranhão, século XVII	
Ananias Alves Martins	16
Açorianos nas terras conquistadas pelos portugueses no Vale do Amazonas – Cabo Norte – século XVII	
Rosa Elizabeth Acevedo Marin	42
Episódios da Imigração Portuguesa em Pernambuco – açorianos no Nordeste	
Leonardo Dantas Silva	67
Imigração recente – dos Açores para a Bahia	
Manuel Bernardino da Silva, Pedro Paulo Borges da Costa Nunes, Tânia Maria Tosta	81
Açorianos no Rio de Janeiro	
Eulália Lahamayer Lobo, Judite Evangelho, Heloisa Paulo	84
Presença Açoriana nos Estados de São Paulo e Paraná	
Luiz Antônio Alves	96
Casa Branca – São Paulo – a povoação dos ilhéus	
Amélia Franzolin Trevisan	126
Açorianos em São Paulo – séculos XVI, XVII, XVIII e XIX	
Paulo Bomfim	164
Insulanos no Brasil Meridional – os açorianos em Santa Catarina	
Walter Fernando Piazza	169

II PARTE	
OS AÇORIANOS NO RIO GRANDE DO SUL – 250 ANOS.....	177
Os casais de número e as formalidades da Real Mercê	178
<i>Miguel Frederico do Espírito Santo</i>	
Açorianos para o sul do Brasil	189
<i>Francisco Riopardense de Macedo.....</i>	
Açorianos no Litoral Sul do Brasil	211
<i>Ivone Leda do Amaral, Alda Maria de Moraes Jaccottet.....</i>	
Famílias açorianas em Canguçu, Piratini, Herval, Santa Maria, Vila Rica, São Martinho e Tupanciretã	228
<i>Gustavo Py Gomes da Silveira</i>	
Açorianos em Santo Antônio da Patrulha	249
<i>Renato José Lopes, Luiza Maria da Gloria Brufatto.....</i>	
Descendentes de famílias povoadoras de Santo Antônio da Patrulha em Cachoeira do Sul	278
<i>Paulo Xavier.....</i>	
A saga açoriana na conquista das Missões	307
<i>Paulo Estivalet Flores Pinto.....</i>	
Açorianos em Cima da Serra	321
<i>Luiz Antônio Alves</i>	
Povoadores da Fazenda Palmeiras dos Ilhéus	333
<i>Osmar João Possamai</i>	
Açorianos no Rio Grande do Sul no início do século XIX	350
<i>Sérgio da Costa Franco.....</i>	
Um “empreiteiro de obras” açoriano em Porto Alegre	358
<i>Miguel A. de O. Duarte.....</i>	
Portugueses – continentais e ilhéus na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (1850-1900)	378
<i>Véra Lucia Maciel Barroso.....</i>	
A construção da história do Rio Grande do Sul – matrizes luso-açoriana e hispânica	479
<i>Ieda Gutfreind</i>	
III PARTE	
AÇORIANOS, PROPRIETÁRIOS DE TERRAS NO RIO GRANDE DO SUL	
1770-1800	504
Código F 1229	672
Código F 1230.....	832
Código F 1231.....	1076
Ficha técnica.....	1078
LOCALIZAÇÃO DE AÇORIANOS NO RS.....	1079
ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	

NOTA INTRODUTÓRIA

“Como as aves de arribação que tanto nos buscam as rochas, espalhamo-nos pelo mundo: Brasil, América, Canadá”.

Vitorino Nemésio

A emigração dos Açores remonta aos primórdios do povoamento e prolonga-se até aos nossos dias.

Os ilhéus desenharam muito cedo a sua trajectória no mundo correspondendo ao apelo do Atlântico e beneficiando da sua situação geoestratégica, desde logo na oportunidade das naus que faziam da baía de Angra uma escala universal, no período dos descobrimentos marítimos portugueses.

A sua identidade foi moldada nas ilhas, entre os vulcões e o mar, na conquista da sua sobrevivência, e nas terras do seu destino, as Américas, muito especialmente o Brasil, onde na actualidade estudiosos e investigadores recuperam a história e o povo resgata as sementes culturais disseminadas.

A divulgação deste movimento é assumida, como cumprimento de uma responsabilidade, de gosto irrecusável, pelo VIII Governo Regional dos Açores. No aprofundamento agora amadurecido desta ligação intensa que une a Região Autónoma dos Açores e o Brasil, destaca-se este ano a celebração de dois séculos e meio de presença açoriana no Rio Grande do Sul, o que festejámos com plena entrega e constitui pretexto para esta compilação de mérito e de valor indiscutíveis.

A Professora Vera Lúcia Barroso, a nossa gratidão pelo trabalho desenvolvido com tanta dedicação e carinho, pela generosidade da partilha e pela coragem de eleger o conhecimento como meta da sua actividade social.

A quantos viabilizaram ou participaram na riqueza deste contributo, as nossas felicitações e o registo do nosso compromisso de levá-lo tão longe quanto tiver ido a emigração açoriana.

ALZIRA SILVA

para não falar da multidão das *Holly Ghost Societies* que são ponto de referência para as minorias açorianas na América do Norte. E mais: sem olvidar que foi o simbolismo do Império do Divino que enquadrou, na esfera da ideologia e de sua expressão simbólica ritualizada, os quatro anos de guerra do movimento revolucionário do Contestado (1912-1916), em que a multidão dos pobres, esbulhada e revoltada, tentou destruir, pelas armas, um mundo de opressão, esta essencialmente capitalista em suas origens econômicas. Procuraram instaurar assim, na Terra, e em lugar dele, o mundo de um *Novo Século*, o da *Nova Jerusalém*, que em seu mito lhes estava prometido – mundo esse feito de justiça, devoção, paz e fraternais relações entre os escolhidos, e, por isso mesmo, humanos.

No plano do tecnológico, lembraria apenas que as lanchas baleeiras que se usavam nas armações de baleia da costa catarinense, e que perduram até ao séc. XX, tal como as baleeiras que se encontram em Rio Grande ainda existem, e pertencem a uma tradição técnica de construção naval de origem nórdica – estando estreitamente aparentadas com as que subsistem nos Açores e nos litorais do Mar do Norte, e com os navios *vikings* de antanho. Caracterizam-se por seu tabuado *trincado*, e pelo fato de, nas origens, ser o forro do casco construído primeiro, para só depois receber seu cavename. Essas baleeiras são o elemento distintivo da *Área Cultural Naval Meridional* do Brasil, que se estendia, em 1955, desde o Rio Grande do Sul ao canal da Ilha Bela de São Sebastião. Essas embarcações devem, possivelmente, ter chegado aos Açores com os flamengos que para lá emigraram – entre eles os Goulart, que tanta eminência tiveram entre nós – e dali para as armações do sul-brasileiro, difundindo-se depois ao longo do litoral.

Assim sendo, e lembrando todo o trabalho científico que sobre os imigrantes dos Açores no Brasil se veio acumulando desde a primeira metade do século XX, quando em Florianópolis se realizou um primeiro Congresso de estudos açorianos, é seguro que este livro, vindo a público agora, quando das comemorações dos 250 anos do Povoamento Açoriano no Rio Grande do Sul, será de sumo valor para o futuro das investigações sobre toda essa temática.

PEDRO AGOSTINHO

AÇORIANOS NO BRASIL

Precisamos ampliar o tempo e espaço
para entendermos o mais geral.

Crônicas, narrativas e registros
formam fundos, que nos transportam
a um processo social.

Vários séculos e espaços vazios,
estão contidos nesta coleção.

Os sucessos são uma seqüência,
que a maioria dos leitores encontram
no seu vizinho, no seu passado, e,
por certo, no seu futuro também.

Do Amazonas ao Prata,
todos se juntam trabalhando,
colhendo e vivendo,
há mais de quatrocentos anos.

Uma visão de muitos,
para explicar a relação
dos Açores ilhéus,
com os Açores do mundo.

F. Riopardense de Macedo

EST
EDIÇÕES

ISBN 857517025-2



9 788575 170250